

## *Design Thinking e a ritualização de boas práticas educativas, de Priscila Gonsales*

São Paulo: Instituto Educadigital, 2018. 88 p.

**Ronaldo Lasakowsitsck**

 Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho. Docente na diretoria de Pedagogia da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP – Brasil. [rolasza@gmail.com](mailto:rolasza@gmail.com)

A obra contemplando a abordagem do Design Thinking (DT), de Priscila Gonsales, busca consagrar iniciativas na educação que percebem que cada indivíduo possui determinada potência para a transformação de ações coletivas. Ele vai tocar em conceitos que são discutidos ferozmente no campo educacional e que estão impregnados na abordagem do DT. Priscila esclarece que o conceito é utilizado em vários campos e quando usado de forma adequada efetiva acesso e “a mobilização dos talentos disponíveis, já existentes, mas muitas vezes encobertos pela rotina das ações e relações estabelecidas”. (GUZZI, p. 7)

O livro foi concebido em dez capítulos, como total de setenta e quatro páginas. O material é muito acessível e fluente em sua escrita, em nível pessoal – já que muitas vezes a autora conversa com o leitor usando a segunda pessoa, o que estabelece uma conexão rápida com o conteúdo, e, além disso, foi diagramado com notas de rodapés explicativas e bibliográficas, destacadas às margens. Depois do Prefácio e da Apresentação, o capítulo três é destinado a apresentar um panorama do e o significado do DT; o quarto tópico apresenta o DT e a cultura digital, relacionando-se à inovação aberta e a colaboração; o quinto assunto traz a educação para o foco da discussão, e conecta-se a palavra ‘ritualização’ dos processos e das boas práticas; O sexto tema é direcionado em apresentar as fases do DT para os educadores; O sétimo tópico proporciona ideias pedagógicas baseadas em DT que foram usadas na educação; o nono capítulo nos convida a experimentar o DT em nossas práticas educacionais.

O leitor que desconhece o termo *Design Thinking* tem nas primeiras páginas a possibilidade de encontrar os significados aplicados a ele. A autora dá duas traduções para o DT: ‘design do pensar’ e ‘pensamento do design’. No entanto, ela mesma lamenta, “[...] mas ainda assim sem

muita perspectiva de facilitar a compreensão do conceito”. (p. 11). A fim de facilitar o entendimento sobre essa abordagem, inicia-se, de forma sintética, a construção histórica do *Design*, apresentado que o conceito é constituído de forma acadêmica no século XX, antes da segunda Guerra Mundial, na Escola Bauhaus, na Alemanha. A preocupação era criar inovações na produção de massa da indústria, buscando as características singulares que os artesãos entregavam aos seus consumidores.

Segundo a autora o termo *Design Thinking* começou a ser utilizado nos anos 2000 pela IDEO, uma agência de inovação situada no Vale do Silício, na Califórnia, nos Estados Unidos da América do Norte, e o propósito da equipe envolvida no processo era combinar a ideia-chave do *Design*: qualidade estética com funcionalidade ao se desenvolver um produto ou serviço. Nesse sentido, podemos entender o DT como uma forma diferente de enxergar e abordar problemas, mas o mais importante é “um modelo de pensamento que coloca as pessoas no centro da solução de um problema”. (p. 12). O pensamento agora é ir além de beleza estética.

Propõe-se, então, que esse novo modelo de pensamento fundamenta-se em três pilares: a empatia, a colaboração e a experimentação. A empresa IDEO inicia a divulgação de suas experiências práticas em revistas especializadas e eventos disseminando o conceito para o mundo. No Brasil, o DT começou a ser divulgado por Tenny Pinheiro e Luis Alt através de um curso na ESPM em São Paulo em 2010, para em seguida a temática iniciar o processo de apresentações em outros meios de divulgação acadêmica. Em 2012, a empresa IDEO alastra o conceito do DT para a área da educação, o *Design Thinking for Educators*, que foi adaptado e traduzido para o contexto brasileiro em 2014, pelo Instituto Educadigital.

Dentro do DT, o conceito de ‘inovação’ passa a ser discutido com maior profundidade, e dele estuda-se o sentido de inovação incremental e disruptiva. De acordo com as pesquisas, o DT ultrapassa essas duas formas de inovação, pois ele vai além de melhorar um produto ou serviço já existente, ou de criar algo inusitado. Para o DT inovação é quando o produto ou serviço é útil e apreciado pelas pessoas. “[...] as pessoas envolvidas (o público ou usuário) em todo o processo percebem uma mudança para melhor em suas vidas”. (p. 13). Logo, “inovação é valor percebido” (*idem*). Para isso, não é necessário estabelecer grandes mudanças ou fazer altos investimentos estruturais. As soluções criativas e inovadoras são estimuladas no desenvolvimento dos pensamentos analíticos e abduativos. Entende-se que somente o pensamento analítico, aquele que usa e convence pela lógica e indução aos dados, não é suficiente para promover a inovação. É preciso estimular o pensamento abduativo, baseado em experiências e vivências, que nos leva a criação de hipóteses para tentar gerar soluções de problematizações.

Nesse cenário, abre-se a porta para reflexões sobre sentido, significado e significante das coisas que nos circundam no mundo. Os envolvidos no processo trazem diferentes visões sobre o mesmo objeto que está em análise. E, no momento de reflexões, acontecem os elementos-surpresa, que gerarão novos aprendizados e novos conhecimentos.

Conforme o fechamento quarto capítulo, Gonsales faz uma lista apresentando as quatro conotações dadas erroneamente ao DT. Ele não é uma especialização do Design aplicada à negócios, não é uma metodologia (portanto, não é uma metodologia ativa), não é uma caixa de ferramentas e, por fim, não é o mesmo que metodologia de projetos.

No capítulo *Design Thinking e a Cultura Digital*, explica-se que o processo de criação ou inovação, pode remeter-se a procedimentos analógicos e digitais, mas, de qualquer forma, trabalha-se em conceito de rede distribuída, dialogada com todos envolvidos, o tempo todo, para ter sentido. “Estamos diante de uma mudança de paradigma, da escassez para a abundância, isto é, quanto mais se compartilha e colabora, mais se cria”. (p. 19). A cultura da colaboração é bastante desafiante e, para isso, a escola deve estimular as relações interpessoais, e promover uma postura mais ativa e coerente nas novas práticas que se fundamentam em redes digitais. Esse raciocínio estimulará a nova abordagem chamada ‘inovação aberta’, que se opõe a ‘inovação fechada’, aquela que prioriza a detenção do controle da inovação para pequenos grupos. Com as redes distribuídas, a interatividade promove a cocriação e a autoria. Para os alunos “[...] autoria também implica em desenvolver intencionalidade para a produção, saber relacionar “por que”, “para quem” e “como” [...]”. (p. 22)

*Design Thinking e a Educação* é o tema abordado no capítulo seis que se inicia trazendo os desafios que a educação enfrenta. Todos os problemas iniciando com a expressão “como podemos” e, naturalmente, levando a abordagem do DT que propõe a discussão no coletivo para resolver os desafios. Gonsales explica que não há um fim na resposta alcançada porque a resposta serve para o momento, já que estamos trabalhando com adversidades, transformações na sociedade e mudanças.

A fim de fundamentar as semelhanças entre a abordagem do DT e os pensadores da educação, a autora expõe algumas fundamentações baseadas no texto da Organização Mundial da Saúde (OMS), que enfatiza as ‘habilidades para a vida’, e que na educação, paralelamente, são conhecidas como as ‘competências socioemocionais’, no documento da Organização Social para o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Ao inserir o discente no foco do processo ensino-aprendizagem, o texto traz um quadro com os teóricos da educação e seus preceitos comparados

às relações de estruturação do DT. As analogias apontadas no quadro condizem com a ritualização de boas práticas educativas. Os sete saberes de Edgar Morin, o BNCC, A agenda de 2030 da ONU, e os conceitos de Interdisciplinaridade, Multidisciplinaridade e Transdisciplinaridade confabulam com as concepções do DT.

Ao reconhecer ou viver as fases de ritualização do DT, nossas boas práticas serão sistematizadas, registradas e disseminadas, fortalecendo a relação inter e intrapessoal no ambiente escolar, no entanto, tendo em mente que é um processo, e não um fim. Ao voltar à discussão, novas ideias surgirão, alterando o cenário anterior. Para ritualizar as boas práticas, devemos entender as fases do DT utilizadas na educação. A ‘Descoberta’ e ‘Interpretação’ estão relacionadas à empatia; a terceira fase é a ‘Ideação’ que fará emergir a colaboração; A ‘Experimentação’ é a fase de criação do objeto, a prototipação; E, por fim, a ‘Evolução’, ocasião quando se faz a avaliação do processo, das soluções, da produção do projeto criado. As etapas da abordagem do DT apresentam pontos de divergência e de convergência, mostrando quando é o momento de refletir e quando é o momento de se fazer escolhas.

O penúltimo tema nomeado *Ideias Pedagógicas com Design Thinking* fundamentou-se na questão da escola disponibilizar maneiras diferentes de pensar, sentir e agir; e, nesse *locus*, todos os atores envolvidos com a educação foram desafiados com uma problematização e tiveram seus espaços para cocriação e para testar soluções para estas, buscando o aprendizado de qualidade. Leremos, ali, relatos de experiências com a aplicação do DT em instituições, turmas e níveis diversos.

Para encerrar o livro, a autora oferece o capítulo *Trilha-Base para Começar* que convida os educadores a experimentar a construção das etapas do DT, em um projeto com o tema Cidadania. Ela argumenta a fim de convencê-los que todos educadores já são designers “No momento em que você encontra formas de ensinar o conteúdo de maneira efetiva, quando desenvolve novas abordagens para envolver melhor os pais nas atividades dos alunos ou cria configurações diferentes em sala de aula e usa espaços diversos da escola ou da cidade”. (p. 59)

Este material é uma ferramenta de alta qualidade para professores, em quaisquer níveis educacionais, e interessados em conhecer as etapas e processos de aplicação do DT. É uma obra que é inovadora, pois há pouco material nacional que aborde o DT destinado à área educacional e, neste material, além de termos a oportunidade de sermos apresentados ao conceito, podemos visualizar algumas práticas vivenciadas, que servirão de estímulo para novas ações do DT.

Priscila Gonsales é jornalista, educadora e empreendedora social, diretora-executiva do Instituto Educadigital. Mestra em Educação, Família e Tecnologia pela Pontifícia Universidad de Salamanca (Espanha), pós-graduada em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP, com ênfase na inter-relação comunicação e educação (Educomunicação).